



VIVÊNCIAS INTERSEXUAIS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE TECNOLOGIA SOCIAL, INOVAÇÃO E CUIDADOS DE SAÚDE

NATAN LUIZ RECH¹, JEFERSON SANTOS ARAÚJO²

1 Introdução

Dentro dos processos que envolvem a corporeidade, tecnologia social e inovação de cuidados, autores¹ têm salientado a compreensão não somente sobre quem somos, mas sim, a interpretação das influências culturais, dos valores e das perspectivas sobre como somos; assim, mesmo com a formação biológica, há por trás uma corporificação social, em que masculino e feminino formam identidades que dão sentidos aos seus corpos para além dos gametas e da genitália sexual. A corporificação social é regida pela cultura na ordem em que esta é construída e desconstruída pelos contextos históricos, pelos grupos e por seus símbolos².

Dentro das culturas latino-americanas, prevalece a definição heteronormativa que hierarquiza gêneros, em que homens são estereotipados como detentores de corpos fortes, dominantes, agressivos e sexualmente potentes; e as mulheres são postas como corpos frágeis, criadas para vincular suas raízes ao lar, serem férteis e submissas³.

Para buscar compreender os corpos, as tecnologia sociais e inovações no cuidado do paciente intersexo, alguns autores⁴, utilizam a teoria Queer que ressalta a noção de identidade, de como os corpos são significados e modificados de acordo com os constructos sociais e culturais, e não ajustados pelos papéis sexuais ou biologicamente inscritos que estabelecem conceitos estéticos e morais para uma possível aprovação social. Logo, os corpos são sensíveis, responsivos e moldados pelas forças externas sociais, pois os corpos falam, sentem e se expressam subjetivamente.

Portanto, percebe-se a problemática da intersexualidade ser uma temática pouco explorada entre as evidências científicas da área da saúde, esta é conhecida popularmente como hermafroditismo ou mais atualmente como desordens do desenvolvimento sexual

¹ Acadêmico de Enfermagem, Bolsista, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó.

² Docente do Curso de Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó.



(DDS), trata-se de uma questão de saúde prevalente em 1 para cada 20.000 nascidos vivos e está vinculada à alteração celular dos cromossomos sexuais⁵.

Questões relacionadas ao sexo, à sexualidade, ao gênero e à identidade envolvem toda a rede de tecnologias sociais e necessidades de inovação de cuidados a um intersexo, as quais durante a cirurgia sexual se tornam cada vez mais presentes, entretanto, tais questões que envolvem essa parcela da população apresentam-se escassas na literatura científica nacional. Nesta perspectiva questiona-se qual a experiência de cuidar de um paciente intersexo frente a sua cirurgia sexual?

2 Objetivos

O presente estudo foi circunscrito com o objetivo de relatar a experiência sobre o incremento da tecnologia social e inovação de cuidados ao paciente intersexo durante o processo de redesignação sexual.

3 Metodologia

A descrição desta experiência ocorreu em um hospital público. O interesse pelas questões discutidas surgiu durante uma vivência acadêmica da Graduação de Enfermagem.

Na oportunidade conheceu-se Isadora (nome fictício criado pelos pesquisadores para assegurar o anonimato da personagem desta experiência), usuária da instituição há alguns anos, que foi acompanhada por uma equipe multiprofissional até conseguir o parecer positivo para realizar a cirurgia sexual. A dificuldade que os profissionais de saúde apresentavam para abordá-la e prestar cuidados (convencê-la a realizar exames invasivos, conter a ansiedade e adequar a linguagem de como tratá-la) logo nos chamou atenção e nos motivou a realizar este relato.

Nossa vivência clínica focou-se na prestação de cuidados a ela. Utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação direta, sendo estas anotadas em um diário de campo. Entende-se que a observação direta é um método de aquisição de dados a partir do contato visual, auditivo, com o intuito de ponderar fatos ou fenômenos sobre os comportamentos⁶. O diário de campo é um instrumento de documentação de aspectos das



experiências que permitem registrar situações e reflexões diretas⁷. A análise da experiência foi interpretada com o auxílio da teoria Queer, na perspectiva de Judith Butler, em que se defende a desconstrução identitária do corpo dos anagramas impostos socialmente por normativas binárias de gênero.

4 Resultados e Discussão

Tomamos como ponto de partida o primeiro encontro com Isadora, o qual foi concedido de forma aleatória e não estruturada guiado com muita curiosidade e cautela, uma vez que se tratava de um paciente com uma síndrome rara e até então não vivenciada em experiências de cuidados anteriores durante o processo formativo acadêmico. Nos deparamos, inicialmente, com um homem de aproximadamente 45 anos, voz grave, cabelos pretos, estatura de aproximadamente 1,60 metros.

Confusos frente a um estereótipo de gênero masculino que defendia uma identidade feminina, sentimo-nos inseguros quanto a diversas questões. Literalmente frente ao que vivenciávamos o pronome “senhor” era o primeiro que sempre inundava nossas mentes, entretanto, a forma como as pessoas a percebiam ditava socialmente quem ela era e não necessariamente quem ela gostaria de ser, quem ela enfrentava social e fisicamente para ser reconhecida, chegando até a se submeter a uma cirurgia que julgava ser capaz de corrigir seu corpo. Motivados por um processo que buscou conduzir um cuidado integral, a primeira estratégia estabelecida foi aprender que o pronome de tratamento é crucial para o cuidado à saúde do outro, e que para Isadora o pronome “senhora” destinava-se a ser terapêutico, promotor de harmonia e fortalecedor de laços entre os profissionais de saúde e o ser cuidado.

Esse episódio nos conduziu à reflexão sobre as dificuldades e desafios na oferta do cuidado integral a uma pessoa intersexo e às necessidades preeminentes a serem trabalhadas na problematização do cuidado assistencial ofertado ao outro.

Desta maneira, notou-se a que quando a temática de gênero e sexualidade é abordada no campo da saúde, é notável a visão cis-heteronormativo de um grande número de profissionais, que, dificulta a busca de pessoas LGBT aos serviços de saúde.

Ao longo de nossa vivência, foram compartilhadas experiências de sofrimento e de superação demonstrados por meio de expressões verbais e não verbais, como: expressões



faciais de constrangimento, postura corporal de intimidação e ansiedade frente à exposição de sua história de vida a outras pessoas, receio de sofrer retaliação pela sua escolha sexual, relatos de momentos que foi confundida como homem, abandono escolar por conta do preconceito, de modo a apontar o quanto os atos discriminatórios explícitos e implícitos causam máculas em pessoas com estereótipos diferentes

Na defesa de que para se prover saúde devemos ultrapassar o cuidado físico, as particularidades de gênero devem ser priorizadas na práxis assistencial tanto quanto no cuidado ao corpo biológico.

Cuidar de uma pessoa intersexo de corpo masculino e gênero feminino é uma tarefa desafiadora que incita o debate dentro da formação em saúde, tanto na graduação quanto na formação técnica para o incremento de cuidados inovadores e avanço do desenvolvimento social. Inicialmente, entender o imaginário popular sobre masculinidade parece ser um conceito chave para interpretar alguns paradigmas patriarcais enfrentados nos ambientes de saúde.

Intersexos enfrentam problemas de gênero para firmar suas identidades e conduzir suas ações de forma não regulada pelos valores hegemônicos imbricados no incremento de tecnologias sociais, assim desconstroem seus corpos para se adequar de forma harmônica ao que os sujeitos diagnosticam como normal e patológico, marginalizando assim seus desejos, isolando seus sentimentos na busca, em muitos casos, de uma identidade líquida (uma inovação ao idealizarmos um cuidado centrado na pessoa intersexo).

5 Conclusão

Este estudo, permitiu refletir sobre os dilemas enfrentados pelos profissionais de saúde no cuidado a pessoa intersexo. Foi possível compreender que as identidades de gênero são maleáveis e subjetivas, porém suas compreensões são necessárias para a oferta de um cuidado integral. As mudanças nas concepções de gênero devem ser trabalhadas durante a formação dos profissionais de saúde afim de prepará-los para o enfrentamento das demandas que os intersexos apresentam.

Entendendo a necessidade de ampliar o campo de discussões sobre a temática, indica-se a necessidade do desenvolvimento de estudos futuros em profundidade com essa



população, a fim de captar suas experiências e interpretar seus sentidos e significados para implementação de tecnologias sociais inovadoras para o cuidado.

Referências Bibliográficas

1. Fernandes L, Barbosa R. A construção social dos corpos periféricos. Saúde Soc. São Paulo [Internet]. 2016; 25(1):70-82. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n1/1984-0470-sausoc-25-01-00070.pdf>
2. Connell R, Pearse R. Gender in world perspective. 3. ed. Sidney: Polity, Cambridge; 2015.
3. Stapleton S, Pattison N. The lived experience of men with advanced cancer in relation to their perceptions of masculinity: a qualitative phenomenological study. J Clin Nurs [Internet]. 2015; 24(7):1069–1078. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25319948>
4. Souza LL, Peres WSP, Araújo DB. Problematizações de gêneros no campo da enfermagem: diálogos com feminismos e a teoria queer. Revista NUPEM [Internet]. 2015; 7(13): 121-142. Available from: <http://fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/690/604>
5. Gaudenzi, P. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2018; 34(1):1-11. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n1/1678-4464-csp-34-01-e00000217.pdf>
6. Weber F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo?. Horizontes Antropológicos. 2009 jul/dez; 15(32): 157-170. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf>
7. Zaccarelli LM, Godoy AS. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. Revista Cadernos EBAPE 2010, set; 8(3): 550-53. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5172/3906>

Palavras-chave: Identidade de gênero, gênero e saúde, masculinidade, feminilidade, intersexo;

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2021 - 0147

Financiamento

Universidade Federal da Fronteira Sul.